

CHÁ NA MESA, POR FAVOR!

Chá na mesa, por favor!

Pontos de reflexão e convicção de fé

Battista Soares

2025

SUMÁRIO

Apresentação, 7

Prefácio, 15

Introdução, 19

Chá 01: A fé cristã nos dias atuais, 23

Chá 02: Há um cristianismo sem Cristo passeando nas igrejas?, 33

Chá 03: O fenômeno da impostura, 41

Chá 04: Crise de mentalidade, 49

Chá 05: Sociedade perdida e redimível, 53

Chá 06: Que espírito é esse?, 57

Chá 07: Atire todas as pedras, desde que você não tenha pecado, 63

Chá 08: Reflexão da matina, 69

Chá 09: Pedro fala à igreja brasileira, 75

Chá 10: Democracia com sentido, 83

Chá 11: Esquerdismo e corrupção global, 87

Chá 12: A igreja ante a violência no Brasil, 91

Chá 13: As curvas e os ventos dos bailes gospels, 99

Chá 14: O futuro jogado às incertezas, 103

Chá 15: Transglobalidade, 109

Chá 16: Chama missionária num ambiente sociológico, 115

Chá 17: Os cétricos também têm alma, 133

Chá 18: Casamento é coisa séria, 137

Chá 19: Homofobia versus cristofobia, 143

Chá 20: Onde está Deus quando a dor nos atormenta?, 149

Chá 21: Por que pessoas boas sofrem?, 155

Chá 22: Viver dói, 161

Chá 23: Sociedade depressiva e seus fatores (I), 167

Chá 24: Sociedade depressiva e seus fatores (II), 171

Chá 25: Quem é você como ser humano?, 177

SENTE-SE! VAMOS CONVERSAR. O CHÁ ESTÁ NA MESA

(Uma breve introdução)

*“Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela
conhecimento a outra noite.”*

(Salmos 19.2)

EM UM MUNDO CADA VEZ MAIS DIGITAL e interativo, a capacidade de manter conversas inteligentes se tornou uma habilidade valiosa e escassa. Os jovens vivem o tempo inteiro em conversas on-line, muitas vezes em celulares sofisticados que nem mesmo o pai ou a mãe têm. Isso porque eles exigem dos pais, os pressionam e até fazem chantagem.

Mas cá entre nós. Você e eu, leitor, estamos diante de uma oportunidade de explorarmos, juntos, um diálogo sobre temas atuais. Não é um diálogo qualquer, mas sim um diálogo que traz princípios básicos no jeito de desenvolver conversas inteligentes e como elas podem moldar atitudes nas pessoas de influência e liderança, assim como instruir nossos filhos.

Convido você a sentar-se sentar comigo à mesa do diálogo para, tomando um saboroso chá, debatermos — por meio da leitura deste livro — temas da atualidade com os quais as pessoas, hoje em dia, pouco se importam, mas que são fustigantes entre nós. Prepare-se para conhecer ideias significativas que o ajudarão a se destacar em interações sociais e criar conexões reais com o mundo profissional, político, científico, tecnológico, social e religioso.

Vivemos a era das conversas inteligentes. Vivemos em uma época em que a interação humana, com o fenômeno da inteligência artificial, está se tornando cada vez mais comum. Com o avanço da tecnologia, temos à nossa disposição fer-

ramentas poderosas, como assistentes virtuais e *chatbots*, capazes de manter conversas naturais e fruitivas. Compreender os princípios por trás dessas conversas, portanto, é essencial para se adaptar a esse novo cenário globalizante. Se você entendeu, vamos em frente. Ler um bom livro é um diálogo maravilhoso e uma atividade inteligente.

O que se pode construir sobre conexões autênticas? Em um mundo onde, como eu já disse, a comunicação digital predomina e a habilidade de criar conexões autênticas se tornou ainda mais relevante. Por isso, vamos explorar estratégias eficazes para captar a atenção, ouvir atentamente e responder às indagações de forma genuinamente inteligente.

A propósito, como podemos dominar a arte de fazer perguntas? Na faculdade de jornalismo, aprendi que a principal técnica científica para se construir um belo texto jornalístico é a arte de fazer perguntas. *O que?* (o fato, o objeto); *quem?* (o sujeito, os personagens envolvidos); *onde?* (o local); *quando?* (A época, a data, o período); *como?* (O método, os meios, a maneira como aconteceu o fato); *por que?* (o motivo, a razão pela qual, a justificativa); *para que?* (a finalidade, o objetivo); *em que?* (A situação, as circunstâncias em que o fato aconteceu).

Num diálogo, as perguntas, portanto, são uma ferramenta poderosa para estimular a comunicação e obter informações relevantes. É com perguntas que se fazem as investigações científicas, jornalísticas, criminais etc. Todas as áreas do conhecimento utilizam essas perguntas como ferramentas para investigar a verdade científica. Principalmente as áreas que utilizam o método dialético.

Neste livro, que para mim é uma leitura devocional, podemos explorar diferentes temas, utilizando técnicas de uma dialética livre para suscitar outras perguntas importantes que podem incentivar outras pessoas a aprofundarem conversas

e pensamentos sobre realidades complexas emplacadas no mundo de hoje. A habilidade de sentar e fazer as perguntas certas, na hora certa, abrirá portas para uma compreensão mais profunda e um diálogo mais enriquecedor sobre o mundo real.

A propósito, como pensar em respostas persuasivas e significativas? Uma resposta bem elaborada pode ser a chave para conquistar o interesse e a confiança de outra pessoa. Vamos descobrir como discutir questões atuais e argumentos persuasivos e significativos, capazes de envolver e convencer pessoas a serem participativas, atuantes e menos procrastinadoras em relação ao mundo atual.

Tenhamos ética e responsabilidade acima de tudo. Os pontos que selecionei neste livro são reflexões sobre assuntos que incomodam e, nos bastidores do nosso cotidiano, geram conversas que colocam na mesa a responsabilidade que nos desafia a sermos éticos e a participar da sociedade, sem perder de vista a convicção de fé no Senhor Jesus. É essencial agirmos com responsabilidade e garantirmos que a nossa participação no mundo, sempre levando a presença de Cristo, esteja alinhada com princípios éticos e sólidos.

À medida que avançamos em direção a um futuro cada vez mais conectado, as conversas inteligentes — sobre temas relevantes — devem desempenhar um papel crucial na forma como nos comunicamos e interagimos no mundo, na condição de igreja-corpo de Cristo. Dominar a arte das conversas inteligentes sobre o evangelho de Jesus permitirá que a igreja cristã se destaque, estabeleça conexões autênticas e construa relacionamentos significativos e duradouros. Sem isso, como igreja, não teremos êxito algum com relação ao nosso papel como corpo espiritual e corpo social.

É importante que exploremos técnicas criativas e agradáveis para iniciar e manter conversas inteligentes com a

comunidade externa, assim como fizeram os crentes de Atos dos Apóstolos. Desenvolver participações impactantes e oferecer respostas persuasivas e significativas é uma maneira sapiencial de praticarmos a nossa missão no que concerne a alcançar pessoas para Cristo. Aprofundar o conhecimento sobre os temas que tratam da realidade do mundo é, sem dúvida, uma maneira imprescindível de vivenciar nosso papel como agentes do Evangelho do Reino de Deus.

CHÁ 01

A FÉ CRISTÃ NOS DIAS ATUAIS

A configuração do mundo de hoje desafia a igreja a estar inserida num contexto de participação e justiça.

“E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te.”

(Deuteronômio 6.6-7)

“Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente.”

(Hebreus 13.8)

NOS ÚLTIMOS ANOS, algo na igreja cristã tem me chamado atenção. Vivemos um cristianismo complexo e confuso. Existem formas de pensamento que dividem o corpo de Cristo aos pedaços. Além disso, há uma falta de compreensão no que concerne aos princípios ensinados por Jesus, que caracterizam a lógica daquilo que define, de fato, o sentido do reino de Deus.

A noção de salvação é o tema central do cristianismo, mas isso tem de ser compreendido na perspectiva do reino. A igreja, hoje, não vive o reino de Deus. Ela vive, lamentavelmente, o reino das religiões dos homens. Isso é plenamente visível, enquanto ela deveria estar exercendo o papel de ensinar as coisas do reino de Deus.

Tenho aprendido e ensinado, ao longo dos anos desde a minha conversão, em 1983, que a vida cristã autêntica é aquela que olha, firmemente, o tempo todo para o Deus revelado nas Escrituras, na figura Una do Pai, do Filho e do Espírito

Santo. Isso ocorre na intensidade da fé convicta. E aí está a ótica do reino de Deus.

Nessa ótica, o Novo Testamento nos apresenta muitas expressões do que significa a “certeza da salvação”. O fato de *estarmos salvos* é uma convicção de fé, liberdade e consciência na pessoa do Cristo. Essa liberdade não é, de maneira alguma, uma liberdade que nos tira da escravidão do pecado e nos torna escravos da religião. Não! Absolutamente não! Jesus nos tirou da escravidão do pecado e, também, da escravidão da religião para vivermos, de fato, o reino de Deus.

Porém, o que eu tenho visto é pessoas que se libertam do pecado e se tornam escravas da religião, ignorando verdades bíblicas que afirmam, por exemplo, que “se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8.36) e que “foi para liberdade que Cristo nos libertou” (Gálatas 5.1). Elas demonstram terem se acostumado a uma vida de escravidão. Quem não vive a liberdade de Cristo está caminhando fora do reino de Deus. Nele, há uma vida de liberdade na prática da verdade.

Isso quer dizer que fomos libertados do pecado, da lei, da morte, das trevas e, enfim, do mundo perdido. Quer dizer, também, que fomos reconciliados com Deus, perdoados de todas as nossas culpas. Então, na perspectiva do reino de Deus, fomos chamados para vivermos uma nova vida: a da liberdade. Isso porque, em Cristo, o Senhor do Reino, fomos justificados, santificados, feitos filhos de Deus, templos do Espírito Santo e irmãos de Jesus Cristo. Essa verdade bíblica custou preço de sangue: o sangue do Filho de Deus na Cruz do Calvário.

Na perspectiva do reino, a salvação é a plenitude do ser humano, isto é, o sentido último de sua vida. Uma espécie de realização total em matéria de felicidade. Em Cristo Jesus, a salvação do ser humano é Deus. É uma comunicação *Deus-homem-Deus* que só será plenamente vivida na eternidade, no porvir.

No século 21, a fé cristã moderna não tem conseguido compreender essa dimensionalidade do evangelho do reino. Se tivesse compreendido a salvação na perspectiva do reino, não estaria vivendo as fraturas sociais no plano de uma certa pedagogia da espiritualidade cristã (Mateus 28.19-20) que deveria estar impactando todas as nações da terra. Para impactar as nações da terra, é preciso que a igreja suba de nível na vida espiritual. É preciso aquecer ainda mais a convicção de fé.

Será que, em matéria de convicção da fé cristã, estamos vivendo com os pés no chão da vida, tendo uma percepção segura no cotidiano dos deveres existencialmente espirituais, na superação das fragilidades efêmeras? Aparentemente, não. Quando converso com qualquer crente na igreja, percebo muita falta de segurança e maturidade no que diz respeito aos sinais concretos da vida eterna *expositados*¹ por elas. Percebo isso pela natureza das perguntas: “Pastor, será que Deus se agrada disto... e daquilo...?”; “pastor, já tem uns dias que não vou aos cultos. Não ando muito bem espiritualmente. Será que estou salvo, pastor?...”; “pastor, blá, blá-blá, blá-blá...”.

Para essas pessoas, a vida nunca está boa. O templo do Espírito, na perspectiva delas, é feito de concreto, madeira, tinta e luminárias, contrariando a Bíblia, que diz que o templo do Espírito é o corpo da pessoa que tem convicção da fé em Jesus. Se o meu corpo é templo do Espírito, então Ele vive em mim e está em mim em qualquer lugar onde eu esteja. No templo ou do lado de fora dele, o Espírito está em mim e eu estou no Espírito (João 17.23).

1 O termo é “*expositados*” mesmo. Trata-se de um neologismo que impera o significado de exposto em reafirmação de um pensamento não-esclarecido na tangência de incertezas ou de uma comportamentalidade vivida por indivíduos em situações transitórias e inovadoras.

A fé cristã, nos dias atuais, tornou-se complexa e plural. Primeiramente, porque não existe um ser humano abstrato. Todos nós, humanos, estamos inseridos num contexto social, histórico e cultural. Nesse contexto, estamos cercados de ameaças concretas, desafios surpreendentes, mentalidades específicas e culturas distintas umas das outras. É nele que a fé cristã coloca os habitantes da terra na experiência da salvação, conectando-os ao reino de Deus. Quem não vive isso está perdido e sem Deus no mundo.

Na cultura do reino, tudo é diferente. Nela, não há mais lei, nem dogma e nem religião. Tudo se transformou em princípios da justiça de Deus e do reino. “As coisas velhas se passaram, e eis que tudo se fez novo” (2 Coríntios 5.17). Quem entra para o reino de Deus, entra na maior plenitude da vida e se liberta do mal social que a perturba: o pecado. Sim, o pecado é um mal social que afeta toda a existencialidade da pessoa humana (o pecador).

No decorrer da história cristã, as expressões da salvação tendem a ser contextualizadas e a fé cristã — termômetro da igreja, o corpo de Cristo — passa a protagonizar novos questionamentos e novas linguagens frente às atuais mudanças de um mundo supramoderno. Tão moderno a ponto de não se entender mais sua complexidade.

Como jornalista, escritor e pastor, tenho observado que as expressões do passado têm se evidenciado em postulado de verdades que não devem ser descartadas em hipótese alguma, uma vez que representam a riqueza da novidade de vida da qual se nutre a nossa fé no Deus Criador de todas as coisas. E, assim, estaremos em absoluta segurança na caminhada de vitória contra as mazelas deste mundo tenebroso. Por mais que soframos, venceremos — caso a nossa fé em Cristo não for irrelevante.

Nos últimos anos, o tom das minhas pregações tem sido a favor de uma igreja que valoriza a riqueza das relações. Esse é um fator da inteligência espiritual que valoriza a ideia de

uma salvação diversificada que vem a ser o próprio indivíduo, que constitui uma realidade rica e complexa. Complexa no sentido de ser um corpo (*soma*) constituído de uma natureza espiritual, pessoal, social, psíquica, ambiental, política e cultural ao mesmo tempo. Portanto, somos seres antrópicos. Em nível das relações — com Deus e com o outro *social-antropológico* — qualquer uma dessas áreas da vida humana (ou todas em conjunto) pode clamar por vida eterna (salvação).

A fé cristã, por conseguinte, é intrínseca à salvação da pessoa humana. Quando recebemos a salvação em Cristo, confessando-o pela fé, somos iluminados, orientados, saneados, corrigidos, estimulados, plenificados e instruídos em todos os setores da vida. Nisso se manifesta a plenitude do reino de Deus. E quando estamos revestidos da plenitude do reino de Deus, não estamos limitados a nenhuma dessas áreas. Isso porque, uma vez confessando “a Jesus como Senhor” (Romanos 10.8-10), o poder do Cristo de Deus logo preenche, em nós, todas essas áreas. Inevitavelmente, surgem compreensões diversas no universo das experiências salvíficas que preenchem todas essas áreas. Toda a história cristã, no plano neotestamentário, nos confirma isto.

A partir dessa visão, o dom de Deus aponta para uma humanidade fraternizada. Isso justifica o nosso empreendimento para a fé cristã salvífica nos dias de hoje. Como dom de Deus, a salvação é oferecida a todos os seres humanos — independente de etnias — gratuitamente em Cristo Jesus. É graça de graça.

Nenhuma ideologia, seja ela qual for, consegue substituir ou contradizer a verdade absoluta da graça de Deus. Por que? Porque a graça de Deus está fundamentada no evangelho da Cruz: morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, na qualidade de Senhor do universo, no qual se formou a igreja (Efésios 1.22).

Nos dias de hoje, as cosmovisões e/ou ideologias convertidas e amplificadas prometem uma humanidade feliz e sem os males da vida. Mas cada vez mais mergulhamos em ruínas sociais. As tentativas de auto salvação do homem sempre o conduzem a tragédias sociais. Muitas são as contradições e descrenças.

As tentações são frequentes em torno dos seres humanos, levando-os a atitudes absurdas de emancipação de Deus. Mas isso tem um preço doloroso: a perdição eterna. Tudo é uma loucura. Todos estão perdidos sem Deus no mundo. E Deus parece estar calado nas palavras, mas falando alto em forma de tragédias e sofrimentos no seio das sociedades modernas e complexas. A ciência está perdida e a tecnologia causa danos na humanidade.

Enquanto isso, a fé cristã se esfria a cada passo na história da igreja. A igreja não tem mais noção de si mesma, isto é, não tem mais compreensão sobre sua própria identidade. E uma igreja sem noção de sua própria identidade é uma igreja perdida no espaço e no tempo, sem previsibilidade de como será seu amanhã. É como eu disse numa de minhas pregações algum tempo atrás: a moral do evangelho da religião-igreja é de causa e efeito. Mas o efeito acaba extrapolando a causa.

Recentemente, falei para um pastor — que falou mal de outro pastor para mim — o seguinte: “Quando você não estiver mais vazio de Deus, conseguirá ver Deus no outro seu irmão. Você só está falando mal do outro pastor porque você está vazio de Deus. Quem está cheio de Deus não vê os defeitos do outro”.

Dias depois, fui informado que esse homem que aconselhei estava dando em cima de duas jovens bonitas de uma outra igreja. Uma delas, ainda por cima, era casada, assim como o pastor.

Como cristão, vejo essas coisas e me canso. Minha decepção com a igreja é que ela esconde o que é real e usa o púlpito para pregar o que não é real. Ou seja, o pregador prega o que ele não vive. Regras e doutrinas servem de chicotes para baterem em